



Ana Catarina Soares Pereira

Vitimação e Bem-Estar na Infância e Adolescência: uma revisão sistemática da
literatura

Tese de Mestrado

Psicologia da Justiça: Vítimas de Crime

Trabalho realizado sob orientação da

Professora Doutora Carla Antunes

Setembro 2018



Ana Catarina Soares Pereira

Vitimação e Bem-Estar na Infância e Adolescência: uma revisão sistemática da
literatura

Dissertação de Mestrado

Psicologia da Justiça: Vítimas de Crime

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona do Porto no dia
14/12/2018, perante o júri seguinte:

Presidente: Prof.^a Doutora Ana Rita Conde Dias

Vogais: Prof. Doutor Diogo Jorge Pereira do Vale Lamela da Silva (Universidade
Lusófona do Porto) – arguente

Orientador: Prof.^a Doutora Carla Margarida Vieira Antunes

Setembro 2018

É autorizada a reprodução integral desta tese/dissertação apenas para efeitos de investigação,
mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

Agradecimentos

Em primeiro lugar quero agradecer aos meus pais, por todo o apoio e todas as orientações que me deram ao longo destes anos.

Ao Paulo, por me acalmar em todos os momentos em que achei que não conseguia ou que queria desistir. Obrigada pela paciência!

À Professora Doutora Carla Antunes, pelo profissionalismo, compreensão, apoio e acima de tudo, pela paciência.

À Professora Doutora Célia Ferreira, pela disponibilidade que sempre teve para ajudar.

À Joana, por ter sido a minha companheira nestes 2 anos, por me ter acolhido tão bem e ter tornado este percurso mais fácil.

À Diva pela companhia diária, em que foi ouvindo os meus desabafos e frustrações.

À minha chefe, Doutora Sandra, por sempre me ter facilitado a conciliação de trabalho com o estudo.

Obrigada a todos, por tudo!

Resumo

Com este trabalho pretende-se explorar a relação entre experiências de vitimação e bem-estar na infância e adolescência.

Considerando que, a saúde mental não envolve apenas a ausência de problemas, mas também o funcionamento ótimo do indivíduo, aqui conceptualizado enquanto bem-estar, é necessária uma abordagem mais abrangente desta temática.

Desta forma, a presente revisão teve como principais objetivos: 1) sistematizar a evidência empírica reunida sobre a relação entre experiências de Vitimação na infância / adolescência e bem-estar nessas fases de vida; 2) contextualizar tais evidências nas principais perspectivas teóricas do BE: hedónica e eudaimónica; 3) explorar e discutir as opções metodológicas e medidas utilizadas para avaliar experiências de vitimização e bem-estar; 4) discutir criticamente os pontos fortes e as limitações desses estudos.

Do presente trabalho conclui-se que os estudos neste domínio são, ainda, escassos, mostrando-se necessário um maior investimento científico no estudo da relação entre experiências de vitimação e bem-estar.

Palavras-chave: vitimação; bem-estar; infância; adolescência.

Abstract

This work aims to explore the relation between victimization experiences and well-being in childhood and adolescence.

Knowing that mental health does not only involved absence of problems but also the perfect functioning of the individual, here conceptualized as well-being, it is required a wider approach of this subject.

Thus, the present review had the following main objectives: 1) systematize the empirical evidence gathered about the relation between victimization experiences in childhood/adolescence and well-being during these life stages; 2) contextualize such evidences on the main theoretical perspectives of WB: hedonic and eudaimonic; 3) explore and discuss the methodological options and measures used to evaluate victimization experiences and well-being; 4) critically discuss the strengths and limitations of these studies.

From this study it is concluded that the studies in this field are still scarce, being necessary a greater investment in the scientific study of the relationship between victimization experiences and well-being.

Keywords: victimization; wellbeing; childhood; adolescence.

Vitimação e Bem-Estar na Infância e Adolescência: uma revisão sistemática da literatura

Índice

Enquadramento conceptual	8
Experiências de Vitimação na Infância e Adolescência	8
Experiências de Vitimação e Saúde Mental	12
Questão de investigação e Objetivos.....	17
Método	17
Informação de fontes e pesquisa	17
Critérios de Inclusão	18
Seleção de estudos e extração de dados	18
Resultados	20
Concetualização de Vitimação e Bem-Estar	20
Aspetos metodológicos	22
Medidas	23
A relação entre Experiências de Vitimação e Bem-estar	31
Discussão de Resultados	38
Relação entre experiências de Vitimação e resultados de Bem-Estar	38
Estudos desenvolvidos	38
Referências	41

Vitimação e Bem-Estar na Infância e Adolescência: uma revisão sistemática da literatura

Índice de tabelas

Tabela 1 - Resumo dos estudos: amostra, variáveis e medidas 25

Tabela 2- Resumo dos estudos: *Design*, Análise de dados e principais
resultados 34

Vitimação e Bem-Estar na Infância e Adolescência: uma revisão sistemática da literatura

Índice de Figuras

<i>Figura 1</i> - Diagrama baseado no método PRISMA (Liberati et al., 2009)	19
---	----

Lista de Acrónimos

BE: *Bem-Estar*

BEP: *Bem-Estar Psicológico*

BES: *Bem-Estar Subjetivo*

WHO: *Organização Mundial de Saúde*

Enquadramento conceptual

Experiências de Vitimação na Infância e Adolescência

A violência é reconhecida como um problema de saúde pública que tem impacto no bem-estar individual e social e na qualidade de vida. (Alarcão, 2013, citado em Sani & Caridade, 2013). Este tipo de experiência, é um fenómeno que envolve a perceção da vítima e o seu impacto, o espaço e o tempo em que a mesma acontece, bem como a relação existente com o perpetrador (WHO, 2002).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (2002) a violência pode ser definida como *“o uso da força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade, que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação”*.

A literatura acerca desta temática tem sugerido diferentes contextos de violência, designadamente: 1) violência autodirigida; 2) violência interpessoal; 3) violência coletiva. De igual modo, são referidas três principais formas de vitimação: direta, secundária e vicariante (Machado & Gonçalves, 2002). A vitimação direta, decorre do encontro entre um ofensor e uma vítima durante a ocorrência de um crime, sendo a vítima direta aquela que experiencia as consequências do ato criminal em primeira mão (Karmen, 2012). A vitimação secundária é desencadeada pelo tipo de resposta que é provida à vítima (Orth, 2002), seja com o recurso a atitudes, a comportamentos ou a práticas suscetíveis de intensificar o trauma (cf. Caridade & Sani, 2016). A vitimação vicariante surge para incluir a experiência das consequências da experiência ocorrida a outra (s) pessoa (s) (Machado & Gonçalves 2002). Refere-se à vitimação que ocorre, por exemplo, quando alguém testemunha incidentes de violência (e.g., como agressão ou

abuso) ou está sujeito a um ambiente geral de perigo ou experiencia medo na comunidade (Sani, 2016).

No que se refere à natureza dos atos de violência, são considerados diferentes tipos: física, sexual e psicológica (Machado & Gonçalves, 2003). A violência psicológica (e.g. gritos e ameaças, insultos) é considerado o tipo de violência mais “discreto”, na medida em que não deixa marcas visíveis, no entanto é o mais experienciado (Lisboa, Barroso, Patrício, & Leandro, 2009). A violência física (e.g. murros, pontapés, mordidas) é a forma mais manifesta da violência e muitas vezes surge associada a outras formas de violência, como a violência psicológica (Lisboa, Barroso, Patrício, & Leandro, 2009). A violência sexual, envolve outros tipos de violência (psicológica e física) e é possível conceptualizá-la como um contínuo entre diferentes tipos de condutas sexualmente abusivas. Os atos envolvem contato sexual (e.g. toques, beijos) alcançados com recurso à pressão verbal ou força física, coerção sexual, tentativa de violação, violação sexual (Peixoto, Matos, & Machado, 2013; WHO, 2002). Considera-se ainda como forma de violência o “cyber”, através do qual o controlo ocorre por via eletrónica, por via de mensagens para a vítima (Landoll, La Greca, Lai, Chan, & Herge, 2015).

A magnitude da violência no campo infantojuvenil tem despertado atenção e investimento na investigação, tanto pela frequência com que ocorre, como pelos danos psicológicos que causa no crescimento e desenvolvimento dessas mesmas crianças e adolescentes. Nas civilizações antigas, os maus tratos à criança já se encontravam presentes através do infanticídio, pela morte de crianças que tinham algum tipo de deficiência física, por motivos religiosos. A violência contra crianças e adolescentes engloba todas as formas de maus-tratos físicos e emocionais, abuso sexual, negligência, exploração comercial ou qualquer outro tipo que provoque dano, ou o potencie. Podem ocorrer no seio familiar, na escola e na comunidade em que habitam (Assis, Avanci, Pesce

& Ximenes, 2009). Segundo os mesmos autores: a violência familiar reporta maus-tratos e abusos que ocorrem nas relações familiares e que se vão tornando uma forma de comunicação aceitável entre esse meio; a violência escolar compreende agressões no contexto escolar, podendo ter começo por funcionários, professores e colegas; e a violência na comunidade pode advir de ambientes considerados de risco, como bairros sociais.

Apesar da real prevalência deste fenómeno não estar totalmente descrita, sabe-se que o número de indivíduos expostos a este, durante a infância, é elevado (Alves, 2009), pelo que é importante ter em conta o impacto que estas experiências têm na qualidade de vida futura.

Quando estas experiências adversas ocorrem durante a idade adulta, têm impacto sobre a personalidade já formada, no entanto quando as mesmas ocorrem na infância/adolescência, o impacto a longo prazo é mais arruinador, tendo em conta a etapa desenvolvimental em que ocorrem (Herman, 1997). Na literatura, o impacto das experiências de vitimação pode ser identificado a nível psicológico através de níveis elevados de *stress* e desadaptação psicológica destes jovens (Stoliker, 2016; Storch, Masia-Warner, Crisp, & Klein. 2005), particularmente a nível social, emocional e comportamental (Card & Hodges, 2008) demonstrando-se em níveis de sintomatologia de internalização (e.g. ansiedade e depressão), sintomatologia de externalização (e.g. hiperatividade, desafio, delinquência), mas também em forma de sintomatologia física/somática (e.g. dores de cabeça e musculares, problemas de sono) (Stapinski, Araya, Heron, Montgomery, & Stallard, 2015). Os indivíduos ficam também vulneráveis, com baixa autoestima e isolados socialmente (Slee & Rigby, 1993).

Mas nem todas as vítimas lidam com estes eventos da mesma forma. Algumas passam por *stress* marcado do qual não conseguem recuperar, outras sofrem menos

intensamente e por um período mais curto de tempo, alguns parecem recuperar depressa, mas depois começam a ter problemas não esperados (Bonanno, 2004).

A maioria dos estudos sobre vitimação na infância e adolescência aborda diretamente a temática do Bullying e outros estudos têm uma perspectiva mais abrangente. Pereira (2002), citando Olweus (1993), define Bullying como sendo um comportamento agressivo de intimidação, que apresenta um conjunto de características comuns, entre as quais se identificam várias estratégias de intimidação do outro e que resultam em práticas violentas exercidas por um indivíduo ou por pequenos grupos, com carácter regular e frequente. O fenómeno Bullying diferencia-se de outras agressões pela persistência e intencionalidade, além de possuir três aspetos relevantes no que diz respeito a sua caracterização: o ato agressivo não resulta de uma provocação; não é ocasional e é relevante a desigualdade de poder entre agressores e vítimas (Raimundo & Seixas, 2009). Tem como objetivo ferir e magoar a vítima, ocorrendo principalmente de três formas: agressões físicas diretas; agressões verbais diretas; e agressões indiretas (Puhl & King, 2013). Em contexto escolar, ocorre maioritariamente no recreio e manifesta-se, essencialmente, em maus tratos físicos e intimidação psicológica. Pode ser praticado por um ou mais agressores e, por norma, a vítima é uma criança/jovem inseguro, fácil de martirizar, com dificuldades em se defender e pedir ajuda (Pereira, 2002). De acordo com Neto (2005), podem distinguir-se dois tipos de Bullying: o direto e o indireto. O ataque às vítimas é direto quando é caracterizado por agressões físicas, ameaças, roubos, ofensas verbais que incomodam os alvos. Por sua vez, é indireto quando as ações têm por objetivo levar ao isolamento social, envolvendo atitudes de indiferença, isolamento, difamação e exclusão. Este tipo de vitimação pode tornar-se facilmente parte do dia-a-dia de uma criança/jovem, uma vez que assume como contexto principal, o escolar, local onde estes indivíduos passam a maior parte do seu dia e dos seus primeiros anos de vida.

Experiências de vitimação e saúde mental

Os estudos do impacto deste tipo de vitimação, bem como de todos os outros, têm ressaltado o impacto negativo da violência no bem-estar, na perspectiva de afetar o funcionamento da vítima (Kuroki, 2013). Considerando a saúde mental como um constructo multidimensional, este tipo de estudos não devem ser focados apenas numa vertente desse constructo (psicopatologia), negligenciando a outra (bem-estar).

A OMS define saúde mental como *“estado de bem-estar em que o indivíduo percebe as suas próprias habilidades, pode lidar com as tensões normais da vida, pode trabalhar produtiva e proveitosamente e é capaz de fazer uma contribuição para sua comunidade”* (WHO, 2001).

O estudo do bem-estar, no âmbito da Psicologia, inicia-se na década de 60, no fim da 2ª Guerra Mundial e tem na sua origem na necessidade de desenvolvimento de marcadores de qualidade de vida, felicidade e satisfação com a vida (Diener, 1984; Keyes, 2006; Ryff, 1989). Em 1998, o presidente da American Psychological Association (APA), Martin Seligman, dá início ao movimento da Psicologia Positiva, defendendo que as investigações em Psicologia estariam a negligenciar o estudo dos aspetos positivos do ser humano e a compreensão de experiências positivas em que estas se subtraíam às negativas, dando assim origem ao bem-estar dos indivíduos (Seligman & Csikszentmihalyi, 2000; Sin & Lyubomirsky, 2009). De acordo com os princípios deste movimento, é importante estudar os níveis de bem-estar que os indivíduos alcançam ao longo das suas vidas e não focar apenas os estados psicológicos negativos ou psicopatológicos. Em suma, é enfatizada a necessidade de construir uma visão das qualidades positivas. Seligman e Csikszentmihalyi (2000) evidenciam que a compreensão do funcionamento positivo coopera com o surgimento de intervenções mais eficazes e

com ganhos a nível macro (próprio, família, sociedade) (Fernandes, 2007; Sin & Lyubomirsky, 2009).

O foco nos potenciais efeitos patológicos das experiências de vitimação levou progressivamente, não só a uma conceção incorreta da psicologia, cujo objetivo de intervenção é centrado nos indivíduos com perturbações mentais, como ao desenvolvimento de uma cultura de vitimização que se traduz numa visão pessimista da natureza humana (Seligman & Csizentmihalyi, 2000).

Segundo Ryan e Deci (2001) citado por Siqueira e Padovam (2008), as conceções mais relevantes da atualidade sobre bem-estar podem ser divididas em duas perspetivas: bem-estar hedónico, denominado bem-estar subjetivo, que aborda o estado subjetivo da felicidade; e o bem-estar eudemónico, denominado bem-estar psicológico, que aborda o potencial humano. Na linha destes autores, estas duas conceções, demonstram duas visões distintas sobre a felicidade: enquanto o hedonismo demonstra uma visão de bem-estar como prazer ou felicidade, o eudemonismo suporta-se na ideia de que bem-estar, consiste no pleno funcionamento das potencialidades do indivíduo.

O bem-estar subjetivo (BES), concebe o bem-estar como a felicidade subjetiva e a procura de experiências de prazer e o equilíbrio entre o afeto positivo e o negativo (Diener et al., 1999, Diener, 2000, como citado por Siqueira & Padovam, 2008). Surge associado á procura de qualidade de vida e à satisfação, e convenciona a noção de felicidade. Este constructo considera a avaliação que os indivíduos fazem das suas vidas com base nos valores, necessidades e sentimentos pessoais, desvalorizando os valores universais ou a qualidade do funcionamento psicológico (Novo, 2003, como citado por Siqueira & Padovam, 2008). O BES tem por base três componentes básicos: satisfação com a vida que consiste na avaliação cognitiva positiva da vida pessoal como um todo; afeto positivo, considerando a constância de emoções positivas sentidas pelo indivíduo;

e afeto negativo que consiste na frequência de emoções negativas (Diener, 1999, como citado por Machado & Bandeira, 2012).

Um indivíduo indica nível adequado de BES quando identifica um grau elevado de satisfação com a vida e de emoções positivas, e baixo nível de experiências emocionais negativas, num prolongado período de tempo. A avaliação que faz do seu BES é baseada numa reflexão acerca das suas próprias experiências, valores, emoções e experiências anteriores (Diener, Suh & Oishi, 1997).

Na sequência das propostas em torno do BES, Carol Ryff (1989) apontou algumas fragilidades nas formulações de BES e apresentou algumas críticas aos estudos psicológicos que subvalorizam o funcionamento positivo (Siqueira & Padovan, 2008). A autora referiu, ainda, como fragilidade a base teórica do BES, apontando que esta é orientada por conceitos que se distanciam do funcionamento positivo, destacando a felicidade, o afeto a curto-prazo e a satisfação com a vida de qualidade mais perdurável, não avaliando os indicadores de bem-estar (e.g. relações positivas com os outros, crescimento pessoal) (Ryff, 1989).

Tendo por base uma abordagem eudaimónica e tendo em conta o sentido da vida e autorrealização, como elementos fulcrais do bem-estar, Ryff (1989) apresenta o conceito de bem-estar psicológico (BEP), privilegiando os aspetos positivos do funcionamento psicológico (Fernandes, 2007; Fernandes, Vasconcelos – Raposo, & Brustad, 2012).

Kelley (2004) argumentou que no caso de crianças e adolescentes, a Psicologia Positiva tem como principais objetivos a promoção das capacidades, talentos e o auxílio no desenvolvimento das aptidões necessárias para a autonomização do indivíduo, de forma a tornar-se um adulto capaz, compassivo e mentalmente saudável.

A 2 de setembro de 1990, foi apresentada a Convenção sobre os Direitos da Criança, focalizada no bem-estar infantil. Os estudos levados a cabo acerca do Bem-estar Subjetivo (BES) de crianças são direcionados para medidas positivas. Os seus autores têm procurado afirmar o modelo multidimensional do Bem-Estar em crianças, um campo de estudo que integra as dimensões de afeto (componente emocional) e satisfação com a vida (componente cognitiva) (Giacomoni, 2002).

Um dos primeiros estudos produzidos no âmbito desta temática, surgiu com Huebner (1991) e teve como objetivo analisar relatos de satisfação de vida infantil. Neste, foram associadas características de personalidade, como a autoestima, à satisfação de vida global e à satisfação em domínios particulares da vida da criança, apresentados pela literatura de desenvolvimento infantil, como a vida familiar.

Para além da dificuldade na conceptualização, do conceito de bem-estar, surge ainda um problema de origem operacional, que remete para a questão de como este deve ser medido. Nesta conceptualização existe o dualismo de recorrer a medidas subjetivas ou subjetivas de bem-estar ou a combinação de ambas (Nico & Alves, 2017). As medidas objetivas de bem-estar são independentes da perceção dos inquiridos acerca do assunto. Por outro lado, as medidas subjetivas obtiveram um outro alcance a partir da mudança no paradigma de investigação sociológica sobre a infância. A criança passou a ser reconhecida pela comunidade académica como perito no conhecimento sobre a sua própria vida; originando assim um envolvimento direto na investigação e a audição das suas perceções e avaliações, pelo seu próprio testemunho e não através de medidas objetivas ou pela informação fornecida por pais e professores (Almeida, 2009).

Assim, medir o bem-estar de crianças e jovens, deve conjugar indicadores objetivos e subjetivos de bem-estar. Só com esta articulação é produzida uma operacionalização mais abrangente deste constructo. A importância de estudar a visão das

Vitimação e Bem-Estar na Infância e Adolescência: uma revisão sistemática da literatura

crianças acerca das suas próprias vidas, possibilita o desenvolvimento de programas de intervenção mais efetivos.

As primeiras medidas utilizadas para avaliar o Bem-estar subjetivo tinham por base os pressupostos mais antigos que tomavam o Bem-estar como a ausência de sintomas, tendo por norma a avaliação de problemas físicos, depressão e ansiedade (Diener, 1984; Pasquali, Gouveia, Andriola, Miranda & Ramos, 1994).

Em 1999 a Organização Mundial de Saúde, constituiu um Grupo de Qualidade de Vida (Grupo WHOQOL) com a finalidade de desenvolver instrumentos capazes de avaliar a Qualidade de Vida de forma transcultural. Foi desenvolvido o *World Health Organization Quality of Life* (WHOQOL).

Se a simples ausência de problemas significativos não traduz, necessariamente, um funcionamento positivo e ajustado, então é importante entender como as experiências de vitimação podem afetar o bem-estar das vítimas. Este é um fundamento inovador no contexto da violência e das vítimas, que reforça necessidade de entendimento do impacto da vitimação na saúde mental, partindo de uma abordagem mais complexa e holística (Grych, Hamby, & Banyard, 2015).

Questão de investigação Objetivos

Esta dissertação descreve uma revisão sistemática de literatura que explora a relação entre experiências de vitimação e bem-estar na infância e adolescência. À data, quanto é do nosso conhecimento, não existem trabalhos que abordem estes tópicos.

Como questão de investigação, definiu-se: *“De que forma experiências de Vitimação na infância/adolescência estão relacionadas com o bem-estar dos indivíduos?”*

Os principais objetivos deste estudo são: 1) sistematizar a evidência empírica reunida sobre a relação entre experiências de Vitimação na infância / adolescência e bem-estar nessas fases de vida; 2) contextualizar tais evidências nas principais perspetivas teóricas do BE: hedónica e eudaimónica; 3) explorar e discutir as opções metodológicas e medidas utilizadas para avaliar experiências de vitimização e bem-estar; 4) discutir criticamente os pontos fortes e as limitações desses estudos.

Método

Informação de fontes e pesquisa

Esta revisão foi elaborada com pesquisa em bases de dados científicas e eletrónicas. Algumas restrições foram utilizadas: jornais académicos em Inglês. Não foi definida restrição temporal. A pesquisa foi aplicada às seguintes bases: PsycARTICLES, Academic Search Complete, Psychology and Behavioral Sciences Collection, PsycINFO, ERIC, Scopus e Web of Science. A questão da vitimação/violência foi assumida de forma multidimensional e multi-contextual (i.e. podendo ocorrer em diferentes contextos e envolver a ocorrência e sobreposição de diferentes tipos de violência), bem como o bem-estar, que foi assumido de forma multidimensional. Os estudos foram pesquisados através

do uso das seguintes combinações de termos: subjective wellbeing OR psychological wellbeing OR social wellbeing; crime OR violence OR victim; childhood OR adolescence; NOT psychopathology OR psychological distress OR psychological disorder. A última pesquisa ocorreu em março de 2018.

Crítérios de Inclusão

Um conjunto de critérios de inclusão foram tidos em conta para a inclusão dos diferentes estudos nesta revisão: o artigo focar-se na relação entre experiências de vitimação e bem-estar; estas experiências foram diretamente experienciadas pelos participantes; a mensuração do bem-estar esta incluída nas perspetivas hedónica e/ou eudemónica, com exclusão de psicopatologia ou problemas mentais. Os participantes têm de ser crianças e/ou adolescentes até aos 18 anos. Estudos com amostras apenas de adultos ou de crianças e adultos foram excluídas. Revisões de literatura, teses e dissertações foram excluídas.

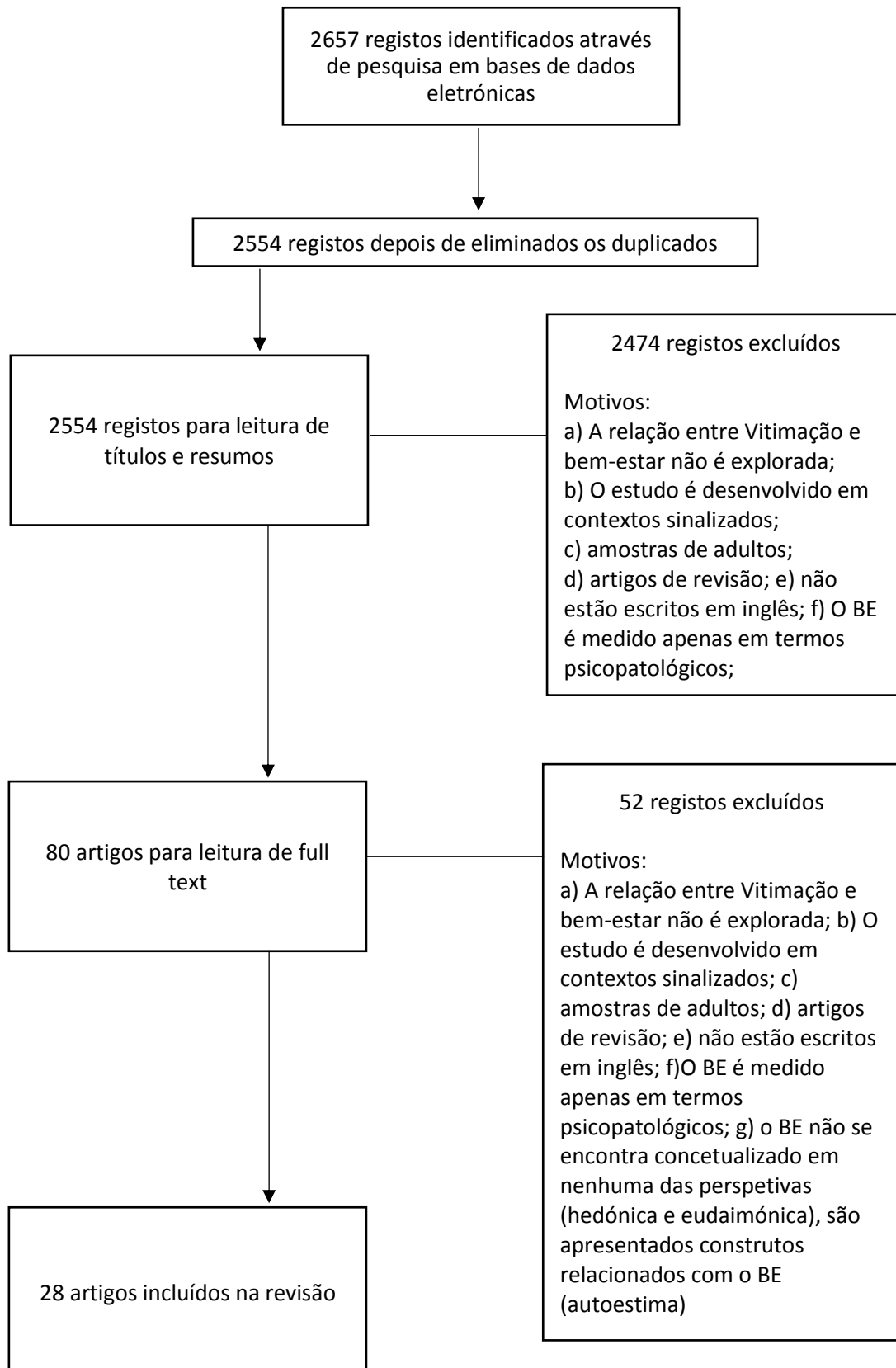
Seleção de estudos e extração de dados

Esta revisão baseou-se na metodologia de revisão sistemática proposta pelo *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA, Moher D, Liberati A, Tetzlaff J, Altman DG, 2009), sustentada por uma análise sequencial de títulos, resumos e textos completos. Como demonstra a Figura 1, uma pesquisa inicial encontrou um total de 2657 artigos. Depois de removidos os duplicados, 2554 foram analisados tendo em conta o título e os resumos. Destes, 80 foram selecionados para análise de texto integral e 28 foram integrados na extração de dados. Uma síntese qualitativa foi utilizada para a extração dos dados, de forma a organizar

Vitimação e Bem-Estar na Infância e Adolescência: uma revisão sistemática da literatura

metodologicamente a informação dos diversos estudos (i.e. descrição da amostra, variáveis e medidas, design) e análise de dados.

Figura 1- Diagrama baseado no método PRISMA (Liberati et al., 2009)



Resultados

Concetualização de Vitimação e Bem-Estar

Vitimação: Mais de metade dos estudos revistos (58%) apresentam experiências de Vitimação por *Bullying* (e.g., Kerr, Valois, Huebner & Drane, 2010), incluindo aqui o *Bullying* tradicional e *Cyberbullying*, seguido por experiências de Vitimação por pares (25%; e.g., Låftman & Modin, 2017) e por fim, surgem experiências de Vitimação por abuso físico, psicológico e negligência (7% e.g., Jernbro, Tindberg, Lucas & Janson, 2014) e experiências sem contexto específico (7%; e.g., Chan, Chen, Chen & Ip, 2017). Independentemente do contexto, a maioria dos estudos contemplam múltiplas formas de violência.

Os resultados demonstram que nos estudos sobre *Bullying* surgem associados entre 1 a 3 atos de violência. São principalmente referidos atos de caráter psicológico/emocional (76%; e.g., Bradshaw, Crous, Rees & Turner, 2017), seguidos por atos de natureza física (69%; e.g., Chester, Spencer, Whiting, Brooks, 2017). Com representação de 29% surgem atos de natureza discriminatória (e.g., Sandhu, Kaur & Kaur 2015), seguidos de atos de violência “não física” e *Cyberbullying* (ambos com 14%;) por fim atos de assédio (7%; e.g., Patrick, Bell, Huang, Lazarakis & Edwards 2013). Na segunda forma de Vitimação mais presente nos estudos, Vitimação por pares (25%), surgem associados 1 a 3 atos de violência. Começando por 71% destes estudos a apresentarem atos de violência psicológica/emocional, seguidos por violência física (43%; e.g., Martin, Huebner & Valois 2008) e por atos discriminatórios (29%; e.g., Martin & Huebner 2007). Em pé de igualdade surgem atos de assédio e *Cyberbullying*, ambos com representação de 14%. Com representação de 10% surgem os estudos que abordam *Bullying* e *Cyberbullying*, com a ocorrência de 3 atos: atos de violência psicológica/emocional (100%), atos de violência “não física” (100%) e atos de assédio

(33%). Os estudos que abordam abuso físico, psicológico e negligência (7%), incluem 2 a 4 atos: de natureza psicológica/emocional (100%), natureza física (100%) e sexual (100%), com 50% surgem atos de violência no seu sentido geral.

Bem-Estar: Analisando a forma como os estudos estruturam o seu problema de pesquisa, a maioria dos estudos revistos basearam-se em concepções Hedónicas para apresentar os argumentos científicos para o estudo (71%; e.g., Frisén & Bjarnelind, 2009). Apenas 21% formulam a sua conceitualização através da perspectiva Eudaimónica (e.g., Sumter, Baumgartner, Valkenburg & Peter, 2012). Nos restantes estudos (7%) a perspectiva concetual relativa ao tipo de Bem-Estar, não está clara.

Ademais, analisamos como o Bem-Estar é conceitualizado nestes estudos. Quatro constructos foram identificados: “Satisfação com a Vida” (35%; e.g., Callaghan, Kelly & Molcho, 2014), “Qualidade de Vida/*Health related Quality of Life*” (28%; e.g., Chan, Chen, Chen & Ip, 2017), “Bem-Estar Subjetivo” (17%; e.g., Alcantara, González-Carrasco, Montserrat, Viñas, Casas & Abreu, 2016) e “Bem-Estar” (7%; e.g., Sandhu, Kaur & Kaur, 2015).

Tendo em conta a inerente ligação entre conceitualização e operacionalização de um construto, foram encontradas algumas inconsistências. É importante referir que “Qualidade de Vida/*Health related Quality of Life*”; “Satisfação com a Vida” e “Bem-Estar Subjetivo”, são construtos tipicamente associados à perspectiva Hedónica do Bem-Estar; “Bem-Estar Psicológico” é formulado a partir da perspectiva Eudaimónica. Neste sentido a maioria dos estudos apresentam uma coerente correspondência entre conceitualização e operacionalização do Bem-Estar (71%). Nos restantes casos, o constructo escolhido como indicador de Bem-Estar não é compatível com a perspectiva concetual apresentada pelos autores (21%). Os restantes 7% dizem respeito aos estudos considerados “sem posicionamento” quanto à perspectiva concetual.

Aspetos metodológicos

Amostra. Tendo em conta as características das amostras ao longo dos estudos revisados, vamos organizar essa informação nesta secção de acordo com quatro categorias: contexto social, Dimensão, Idade e Género.

Contexto Social. A maioria dos estudos revisados foram desenvolvidos na Europa (53%; e.g. Bradshaw, Crous, Rees & Turner, 2017) e em contexto americano (32%; e.g., Patrick, Bell, Huang, Lazarakis & Edwards, 2013), Índia (e.g., Sandhu, Kaur & Kaur, 2015), China (e.g., Chan, Chen, Chen & Ip, 2017) e Argélia (e.g., Tiliouine, 2014), cada um com representação de 3% no total.

Dimensão. As maiores amostras são as que dão robustez a um estudo empírico. A maioria dos estudos contemplam mais de 1000 participantes (67%; e.g., Tiliouine 2014), com alguns a incluir amostras ainda superiores a 3000 participantes (e.g., Jernbro, Tindberg, Lucas & Janson 2014). A maior amostra (56 000) representa um estudo que envolve a participação de 16 países Europeus (Bradshaw, Crous, Rees & Turner 2017). 30% dos estudos revisados, incluem amostras que variam entre 200 e 1000 participantes (e.g., Martin, Huebner & Valois 2008), por último, 10% são caracterizados por amostras até 200 participantes (e.g., Chahine 2014).

Idade. Os estudos revisados envolvem participantes com idades compreendidas entre 6.3 (Chan, Chen, Chen & Ip 2017) e 16.2 (Frisén & Bjarnelind 2009). A maioria destes estudos envolve crianças/adolescentes com idades entre os 13 e os 17 anos.

Género. Estes estudos envolvem apenas amostras mistas (masculino e feminino), 53% envolve mais participantes do género feminino (e.g., Jernbro, Tindberg, Lucas & Janson 2014) e 36% (e.g., Navarro, Ruiz-Oliva, Larrañaga & Yubero 2015) mais

participantes do gênero masculino. 10% dos estudos não faz essa especificação (e.g., Sandhu, Kaur & Kaur 2015).

Medidas

Experiências de Vitimação. A mensuração das experiências de vitimação nos estudos revisados, recorre maioritariamente (50%) a questões retiradas de pesquisas mais abrangentes, (e.g., Patrick, Bell, Huang, Lazarakis & Edwards 2013); seguido de escalas (32%) (com ou sem reporte de evidencia de validade), por exemplo, *Peer Victimization and Aggression Scale*, *Multidimensional Peer Victimization Scale*, *School Violence Scale* e por último, questionários de autorrelato (18%). Apenas um dos estudos recorre apenas a uma questão para esta mensuração das experiências de vitimação (Sumter, Baumgartner, Valkenburg & Peter 2012). As percentagens anteriores não são exclusivas, tendo em conta que alguns estudos envolvem mais do que uma medida. A recolha dos dados englobou apenas uma ferramenta em 75% e diferentes instrumentos em 26% dos estudos.

Relativamente à evidência de características psicométricas dos mesmos, analisou-se a forma como os estudos descrevem estas propriedades aquando da abordagem do método utilizado: 46% reporta indicadores de consistência interna (e.g., Patrick, Bell, Huang, Lazarakis & Edwards 2013), 46% dos estudos não refere informação acerca de características psicométricas (e.g. Gobina, Zaborskis, Pudule, Kalnins & Villerusa 2008) e os restantes estudos alegam que as medidas utilizadas têm características adequadas (e.g., Fantaguzzi, Allen, Miners, Christie, Opondo, Sadique, Fletcher, Grieve, Bonell, Viner & Legood 2017) ainda que essas mesmas não sejam apresentadas.

Bem-estar. A mensuração do Bem-estar recorreu a escalas multidimensionais (64%; e.g., *Brief Multidimensional Life Satisfaction Scale*) e escalas unidimensionais (57%; e.g., *The Satisfaction With Life Scale, Rosenberg*). Considerando a apresentação de características psicométricas, analisou-se a forma como os estudos as referenciam aquando da abordagem do método utilizado: 55% reporta indicadores de consistência interna (e.g., Chester, Spencer, Whiting, Brooks, 2017) e 45% dos estudos não reporta informação acerca destas características (e.g., Velderman, van Dorst, Wiefferink, Detmar, Paulussen & The KIDSCREEN group, 2008).

Vitimação e Bem-Estar na Infância e Adolescência: uma revisão sistemática da literatura

Tabela 1 - Resumo dos estudos: amostra, variáveis e medidas

<i>Autores (Ano)</i> <i>- País -</i>	<i>Amostra</i>				<i>Variáveis e Medidas</i>			
	<i>N</i>	<i>Idade (SD)</i>	<i>Gênero %</i>	<i>Tipo</i>	<i>Tipo de vitimação</i>	<i>Medida de Vitimação</i>	<i>Tipo de Bem-Estar</i>	<i>Medida de Bem-Estar</i>
Alcantara, Gonzalez-Carrasco, Montserrat, Vinãs, Casas & Abreu (2016) - Brasil -	910	11,9 (SD 1.2)	M 47,9% F 52,1%	amostra aleatória de cluster estratificado	bullying	Peer Victimization and Aggression Scale, EVAP	BES	Personal WB Index School Children; Student's Life Satisfaction Scale
Bradshaw, Crous, Rees & Turner (2017) - 16 países Europeus -	56000	8, 10 e 12	Não especifica	crianças pertencentes à "Children's Worlds survey"	bullying	'How often in the last month have you been hit by other children in your school?' and 'How often in the last month have you been left out by other children in your class?'	BES	5 itens - Huebner's Student Life Satisfaction Scale
Callaghan, Kelly & Molcho (2014) - Irlanda -	318	15 a 18	M 59% F 41%	estudantes que completaram "The Health Behaviour in Schoolaged Children (HBSC)" pesquisa piloto em 2012/13	bullying e cyberbullying	cyberbullying index; 'How often have you been bullied at school in the past couple of months?'	satisfação com a vida	Cantril Ladder of Life
Chahine (2014) - Egípto -	30	11,2 (SD. 0.79)	M 17 F 13	amostra derivada de relatos de "conselheiros escolares" sobre a possibilidade de serem vítimas de abuso por parte dos pais	abuso físico, abuso psicológico e negligência	Child Abuse Scale	qualidade de vida	Child's Quality of Life Questionnaire (CQOLQ)
Chan, Chen, Chen & Ip (2017) - Hong Kong -	4139	6,3 (SD 2.9)	M 51,5% F 48,5%	crianças em idade escolar	diferentes tipos de vitimação e polivitimação	Chinese version of the Juvenile Victimization Questionnaire (JVQ)	HRQoL	Chinese version - Generic Core Scale for the PedsQL
Chester KL, Spencer NH, Whiting L, Brooks FM (2017) -Inglaterra -	5335	13,5 (SD 1.7)	M 51,5% F 48,5%	estudantes britânicos	bullying	questões	HRQoL	KIDSCREEN-10

Vitimação e Bem-Estar na Infância e Adolescência: uma revisão sistemática da literatura

Estévez, Murgui & Musitu (2009) - Espanha -	1319	11 a 16	M 47% F 43%	escolas selecionadas aleatoriamente na cidade de Valencia	bullying	School Violence Scale / Peer Victimization Scale	satisfação com a vida	Satisfaction with Life Scale; Rosenberg Self-Esteem Scale
Fantaguzzi, Allen, Miners, Christie, Opondo, Sadique, Fletcher, Grieve, Bonell, Viner & Legood (2017) - Inglaterra -	6667	11,7 (SD 0.43)	M 46,5% F 51,8%	alunos do 7º ano	bullying	Gatehouse Bullying Scale	HRQoL	CHU-9D e PedsQL
Frisén & Bjarnelind (2009) - Suécia -	758	15 a 18 (16,2 SD. 0.5)	M 332 F 426	estudantes de um projeto longitudinal	bullying	índice de vitimação de auto-relato / solicitado a indicar com que frequência foi vítima de bullying durante o período de escolaridade obrigatória / "Você já intimidou alguém na escola?"	HRQoL	HRQL - Medical Outcomes Study 36 -item short form health survey (SF-36)
Frison, Subrahmanyam & Eggermont (2016) - Bélgica -	1840	14,7 (SD 1.4)	M 52% F 48%	Estudantes de 15 escolas secundárias, selecionadas aleatoriamente	vitimação por pares online	Social Networking Peer Experiences Questionnaire (SN-PEQ) dirigido ao contexto do Facebook	satisfação com a vida	Satisfaction with Life Scale
Gobina, Zaborskis, Pudule, Kalnins & Villerusa (2008) - Letônia e Lituânia -	9016	11, 13 e 15	M 4461 F 4555	amostras agrupadas, retiradas de registos das escolas	bullying	"Quantas vezes você foi maltratado na escola nos últimos dois meses?", e "Com que frequência você participou bullying com outro (s) aluno (s) na escola nos últimos dois meses?"	satisfação com a vida	10 steps of Cantril's ladder
Jernbro, Tindberg, Lucas & Janson (2014) - Suécia -	3198	15	M 48% F 51%	escolas selecionadas aleatoriamente	abuso físico, mau-trato psicológico, negligência	Conflict Tactic Scale	qualidade de vida	KIDSREEN - 10 INDEX
Kerr, Valois, Huebner & Drane (2010) - EUA -	1404	15 a 17	M 47,8% F 52,1%	amostra de um projeto financiado pelo (US Departments of Health & Human Services, Education and Juvenile Justice) "Safe Schools/Health Students project"	bullying	cinco itens de auto-relato sobre a frequência de sofrer bullying, utilizados na "California Healthy Kids Survey"	satisfação com a vida	Brief Multidimensional Life Satisfaction Scale (BMSLSS)

Vitimação e Bem-Estar na Infância e Adolescência: uma revisão sistemática da literatura

Låftman & Modin (2017) - Suécia -	4319	14,7 (SD 0.50)	M 48,3% F 51,7%	dados correspondentes à amostra Sueca do "Youth in Europe Study"	vitimação por pares	"Quantas vezes as seguintes coisas aconteceram no último mês?"	satisfação com a vida	"Numa escala de 1 a 10, onde 1 está muito insatisfeito e 10 está muito satisfeito, o quanto está satisfeito com sua vida em geral?"
Lotta Uusitalo-Malmivaara & Juhani E. Lehto (2016) - Finlândia -	742	12.10	M 49,2% F 50,8%	estudantes do 6º ano	bullying e cyberbullying	O bullying tradicional foi examinado com uma questão desenvolvida por Järventie (1999), que simplesmente perguntava se outras crianças intimidavam o entrevistado; Ellonen, Kääriäinen, Salmi e Sariola (2008), investigaram o cyberbullying: durante os últimos 12 meses, alguém (1) intimidou ou gozou consigo por mensagens de texto (serviço de mensagens curtas ou SMS), (2) enviou mensagens ameaçadoras por telefone (chamadas e SMS), (3) assediou sexualmente com mensagens telefônicas e SMS), (4) fofocou ou escreveu coisas más sobre você na Internet, e (4) publicou uma foto reveladora sua contra sua vontade na Internet?"	felicidade	Subjective Happiness Scale (SHS) O primeiro item pede que os entrevistados caracterizem a sua felicidade usando avaliações absolutas ("Em geral, eu me considero: não uma pessoa muito feliz - uma pessoa muito feliz"), e a segunda procura classificações relativas a seus pares. O terceiro item pede que os entrevistados comparem sua felicidade a indivíduos muito felizes, e o quarto pede que eles comparem sua felicidade a indivíduos muito infelizes.
Martin & Huebner (2007) - EUA -	571	11 a 13 (13 SD. 1.03)	M 226 F 345	alunos do 5º ao 8º ano, de 5 escolas públicas do ensino básico, de meio rural	vitimação por pares	Children's Self Experience Questionnaire–Self Report	BE Emocional; Afetos Positivos e Negativos	Multidimensional Life Satisfaction Scale; Positive and Negative Affect Scale - Children
Martin, Huebner & Valois (2008) - EUA -	417	11 a 13 (13 SD. 1.03)	Não especifica	alunos do 5º ao 8º ano, de 5 escolas públicas do ensino básico, de meio rural	vitimação por pares	Children's Social Experience Questionnaire – Self Report (SEQ-SR)	satisfação com a vida	Brief Multidimensional Life Satisfaction Scale (BMSLSS)
Moore, Huebner & Hills (2012) - EUA -	855	13 (SD. .76)	M 409 F 446	Alunos de uma grande escola de ensino médio no sudeste dos EUA que completaram medidas de satisfação com a vida, cyberbullying e vitimização online	bullying	Electronic Bullying Questionnaire (EBQ)	satisfação com a vida	Multidimensional Life Satisfaction Scale; Student Life Satisfaction Scale

Vitimação e Bem-Estar na Infância e Adolescência: uma revisão sistemática da literatura

Navarro, Ruiz-Oliva, Larrañaga & Yubero (2015) - Espanha -	1058	11,08 (SD. .80)	M 542 F 516	turmas selecionadas aleatoriamente em escolas primárias	bullying social e cyberbullying	escalas de vitimização social e de bullying social de "the Social Involvement Scales"	BES	Multidimensional Life Satisfaction Scale; escalas medidoras de indicadores de BE
Patrick, Bell, Huang, Lazarakis & Edwards (2013) - Canada -	2792	9,7 (SD. .30)	M 51,8% F 48,2%	Alunos do 4º ano, de 201 turmas, em 72 escolas públicas de Vancouver	vários tipos de vitimação	4 itens da "Safe School Student Survey"	satisfação com a vida	5 item SWLS-C
Patrick, Bell, Huang, Lazarakis & Edwards (2013) - EUA -	24949	13, 15 e 17	M 11887 F 13062	escolas selecionadas aleatoriamente e todos os alunos das escolas participantes são convidados a participar na pesquisa	bullying	“Nos últimos 30 dias, com que frequência você foi vítima de bullying, assédio ou intimidação na escola ou a caminho da escola porque alguém pensou que você era gay, lésbica ou bissexual ?” “ Um aluno está sendo intimidado quando outro aluno, ou grupo de alunos, diz ou faz coisas desagradáveis ou desagradáveis para ele ou ela. É também intimidar quando um estudante é provocado repetidamente de uma forma que ele acha ofensivo. Não é considerado bullying quando 2 alunos de cerca de a mesma força argumenta ou luta. Nos últimos 30 dias, com que frequência você foi vítima de bullying? ”	qualidade de vida	Youth QoL Instrument - Healthy Youth Survey Version (YQOL-HYS)
Sandhu, Kaur & Kaur (2015) -Índia -	200	15 a 17	Não especifica	alunos selecionados através da técnica "fish bowl"	bullying	Multidimensional peer victimization scale	bem-estar	Friedman Well-Being Scale
Smithyman, Fireman & Asher (2014) - EUA -	72	15 a 17	M 50,4% F 48,8%	estudantes de uma cidade do sudoeste	vitimação por pares	Crick and Grotpeter's // Social Experiences Questionnaire-Self Report (SEQ)	bem-estar percebido	Brief Multidimensional Life Satisfaction Scale (BMSLSS)
Sumter, Baumgartner, Valkenburg & Peter (2012) - Países Baixos -	1762	12 a 17	M 51% F 49%	pesquisa on-line, selecionou aleatoriamente os participantes	vitimação por pares off e online	"Quantas vezes foram intimidados" off-line e on-line nos últimos 6 meses	satisfação com a vida	Satisfaction with Life Scale
Tiliouine (2014) - Argélia -	1450	8, 10 e 12	M 703 F 747	alunos recrutados em escolas primárias e de ensino básico	bullying	No último mês, com que frequência foi batido por outras crianças na sua escola?; No último mês, com que frequência você foi deixado de fora por outras crianças da sua turma?	BES	Student Life Satisfaction Scale; PWI-SC; Multidimensional Life Satisfaction Scale

Vitimação e Bem-Estar na Infância e Adolescência: uma revisão sistemática da literatura

Valois, Kerr & Huebner (2014) - EUA -	1253	11 a 13	M 48,9% F 51,0%	amostra do projeto "Safe Schools/Health Students project"	vitimação por pares	cinco itens de auto-relato sobre a frequência de sofrer bullying, utilizados na "California Healthy Kids Survey"	satisfação com a vida	Brief Multidimensional Life Satisfaction Scale (BMSLSS)
Velderman , van Dorst , Wiefferink , Detmar , Paulussen & The KIDSCREEN group (2008) - Países Baixos -	16210	8 a 18	M 51,3% F 48,7%	amostra do projeto Kidscreen, estudo transversal realizado em 13 países europeus em 2003	bullying	Escala de Bullying do Kidscreen (3 perguntas: "Tem medo de outras meninas e meninos? " "Outras meninas e meninos tiraram gozaram contigo? " e "Outras meninas e meninos intimidaram-te? "	BE físico; BE psicológico	A saúde física foi medida usando a dimensão bem-estar físico (PH) do Kidscreen-52; A saúde mental foi medida usando the Strength and Difficulties Questionnaire (SDQ)35 e bem-estar psicológico (PW) e dimensões de humor e emoções do Kidscreen-52
Yucel & Yuan (2015) - Inglaterra -	2617	10 a 15	M 1317 F 1300	participantes da primeira etapa do "United Kingdom Household Longitudinal Study"	bullying	"Com que frequência é fisicamente maltratado na escola? 2) "Quantas vezes é intimidado de outras maneiras na escola? ", "Com que frequência qualquer um dos seus irmãos ou irmãs faz alguma das seguintes coisas casa?"	satisfação com a vida	Onde "1" é completamente feliz e "7" não é nada feliz, Por favor, marque a caixa que expressa como se sente em relação a cada uma das seguintes coisas: (1) "trabalho na escola" (2) "sua aparência" (3) "sua família" (4) "seus amigos" (5) "A escola para onde você vai" e (6) "O que melhor descreve como você se sente em relação à sua vida como um todo?"

Design e análise de dados. Analisando o *design* dos estudos, constatou-se que predomina o design transversal (79%; e.g., Estévez, Murgui & Musitu 2009) em comparação com os estudos longitudinais (11%; e.g., Frison, Subrahmanyam & Eggermont 2016).

Os principais objetivos dos artigos integrados nesta revisão foram encontrados a partir da análise de dados utilizando: análise de regressão multivariada/simples (46%; e.g., Smithyman, Fireman & Asher, 2014) a análise de variância (42%; e.g., ANOVA; MANOVA;), e modelos lineares hierárquicos (7%; e.g., Frisén & Bjarnelind 2009).

A relação entre Experiências de Vitimação e Bem-estar

Os resultados relativos à relação entre Vitimação e Bem-Estar são descritos na tabela 2. No geral, os resultados obtidos na revisão dos estudos sugerem, de forma consistente, que experiências de Vitimação (e.g., Bullying, Vitimação por pares) têm impacto negativo no Bem-Estar dos participantes (e.g., BES e BEP). Além desta relação os mesmos estudos, também exploram o papel de outras variáveis, incluindo o seu efeito mediador e moderador.

Como tal, alguns estudos exploraram o papel das características pessoais na relação entre Vitimação e Bem-Estar. Por exemplo, Jernbro e colegas (2014), num estudo baseado em uma amostra de 3198 crianças de 92 escolas da Suécia, conclui que ser do sexo feminino pertencer a uma família com problemas financeiros, ter uma condição crônica e ser exposta a maus-tratos, são características preditoras de baixa qualidade de vida. A associação linear entre a qualidade de vida e o número de tipos de maus-tratos, foi negativa, significando que a qualidade de vida diminui à medida que aumenta o número de tipos de maus-tratos. Frisén e Bjornelind (2009), apresentam um estudo que inclui o terceiro momento de um estudo longitudinal com adolescentes vítimas de Bullying nos últimos anos escolares. Concluíram que, os adolescentes que foram vítimas de Bullying nos últimos anos de escola, sentem que as suas atividades diárias e de vida social são afetadas por dificuldades físicas emocionais, em comparação com vítimas de Bullying nos primeiros anos de escola. Esses jovens também sentem mais dor e mais dificuldades relacionadas com a sua saúde, relatam sentir menos energia e menos vitalidade e classificam o seu bem-estar psicológico como pior do que aqueles que não participaram ativamente no Bullying nos últimos anos. Os estudantes vitimados durante os últimos anos escolares apresentam pior saúde clínica e mental do que os estudantes vitimados nos primeiros anos de escola.

Modelos de mediação e moderação foram também testados. Yucel e Yuan (2015), estudaram as associações entre “*Sibling Bullying*”, “*Friend Bullying*” e a qualidade da relação pais-filhos, com a satisfação com a vida. Concluíram que qualquer uma das três variáveis tem impacto direto na satisfação com a vida. Adicionalmente, testaram as interações entre “*Sibling Bullying*”, “*Friend Bullying*” e a qualidade da relação pais-filhos. Os resultados demonstraram que a relação pais-filhos influencia de forma mais vigorosa a satisfação com a vida, quando os jovens são vítimas de “*Sibling Bullying*” ou “*Friend Bullying*”. Testando ainda o impacto conjunto das relações com os pais, amigos e irmãos na satisfação com a vida, foram encontradas duas interações significativas. O impacto positivo da qualidade do relacionamento pais-filhos, na satisfação com a vida é mais forte entre os adolescentes que já foram vítimas de Bullying por irmãos ou amigos. Essas interações significativas sugerem que uma melhor qualidade de relacionamento pais-filhos tem um efeito moderador contra os efeitos da Vitimação, no bem-estar.

Frison e colegas (2016), apresentam um estudo longitudinal que analisa a existência de reciprocidade na relação entre Vitimação *online*, neste caso no Facebook, sintomas depressivos e satisfação com a vida na adolescência. Os resultados demonstraram uma relação recíproca entre satisfação com a vida e Vitimação no Facebook. Vitimação entre pares no Facebook é um indicador significativo de menor satisfação com a vida; e baixa satisfação com a vida prediz positivamente ser vitimado *online*. Jovens socialmente vulneráveis, com baixa satisfação com a vida mas com altos indicadores de sintomas depressivos, estarão em alto risco de serem vitimados *online*. O mesmo estudo analisou o papel moderador do suporte social na relação entre Vitimação *online* e BE psicossocial destes adolescentes. Resultados confirmaram que o suporte social percebido é eficaz em moderar o impacto da Vitimação por pares *online* sobre os sintomas depressivos e a satisfação com a vida. Altos indicadores de suporte social

Vitimação e Bem-Estar na Infância e Adolescência: uma revisão sistemática da literatura

percebido, funcionam como proteção contra o desenvolvimento de sintomas depressivos ou baixos níveis de bem-estar, depois de vitimados *online*.

Vitimação e Bem-Estar na Infância e Adolescência: uma revisão sistemática da literatura

Tabela 2- Resumo dos estudos: Design, Análise de dados e principais resultados

Autores (Ano) - País -	Design e análise de dados		Principais resultados
	Design	Análise de dados	O papel da Vitimação no Bem-Estar
Chester, Spencer, Whiting, Brooks (2017) - Inglaterra -	transversal	regressão multinível	experiências de Bullying relacional têm uma associação significativa, negativa, com HRQL; Bullying tem um efeito prejudicial e duradouro na saúde e BE dos jovens; Bullying relacional tem maior associação com HRQL em comparação com Bullying verbal ou físico
Guhn, Schonert-Reichl, Gadermann, Hymel & Hertzman (2012) Canada -	transversal	análise multinível	a vitimação está particularmente associada a baixa satisfação com a vida; para raparigas, ser vitimada está fortemente associado com o seu BE psicológico
Alcantara, González-Carrasco, Montserrat, Vin��as, Casas & Abreu (2016) - Brasil -	transversal	Chi-square; Correla��o de Pearson	experiências de bullying interferem negativamente na qualidade de vida e saúde de crianças e adolescentes, e menores índices foram registados no bem-estar subjetivo, suporte social e contextos de desenvolvimento entre todos os grupos aqui estudados; Baixos valores de bem-estar subjetivo foram observados nas três escalas utilizadas para grupos de vítimas, perpetradores e perpetradores-vítimas; Os três indicadores de bem-estar correlacionaram-se negativamente com os comportamentos de vitima��o e agressão;
Bradshaw, Crous, Rees & Turner (2017) - 16 países Europeus -	transversal	regressão logística	associa��es significativas entre experiências de Bullying e bem-estar subjetivo; a priva��o/exclusão e o bullying têm um efeito negativo no bem-estar subjetivo; em vários países e contextos, as crianças que são intimidadas por outras crianças também são mais propensas a ter problemas de saúde mental e emocional.
Callaghan, Kelly & Molcho (2014) - Irlanda -	transversal	análise de regressão	Crianças que foram vítimas de bullying estão mais propensas a relatar problemas de saúde, baixa satisfa��o com a vida e a se envolverem em comportamentos de risco; uma percentagem maior de crianças relatou pior saúde e menor satisfa��o com a vida, dentro das diferentes categorias de bullying; para as raparigas, ser vítima de bullying tradicional �� o mais forte preditor de baixa satisfa��o com a vida;
Chahine (2014) - Egipto -	relacional descritivo	correla��o de Pearson	as dimensões de qualidade de vida da criança são afetadas por diferentes tipos de abuso infantil; O abuso emocional provou ter efeitos negativos sobre a qualidade de vida da criança mais do que os outros dois tipos de abuso; abuso físico e negligência; Por parte das dimensões afetadas da qualidade de vida da criança, a vida familiar mostrou-se a dimensão mais afetada;
Chan, Chen, Chen & Ip (2017) - Hong Kong -	transversal	análise de regressão múltipla	Todos os tipos de vitima��o infantil foram associados a comprometido HRQoL, e a força da associa��o variou em diferentes tipos de vitima��o infantil; As associa��es negativas entre vitima��o e polivitima��o da criança e HRQoL foram reduzidas quando houve ajuste da estrutura familiar e apoio social; A força variável das associa��es negativas entre vitima��o e HRQoL ressaltam a possibilidade de que os efeitos da vitima��o infantil na saúde possam não ser homog��neos

Vitimação e Bem-Estar na Infância e Adolescência: uma revisão sistemática da literatura

Estévez, Murgui & Musitu (2009) - Espanha -	transversal	ANOVA; teste Tamhane	Em relação à satisfação com a vida, os adolescentes não envolvidos em bullying pontuaram significativamente mais alto do que qualquer outro grupo: não houve diferenças significativas entre bullies, vítimas e bully / vítimas, todos relataram estarem menos satisfeitos com suas vidas em geral; As vítimas puras relataram os maiores sentimentos de solidão;
Fantaguzzi, Allen, Miners, Christie, Opondo, Sadique, Fletcher, Grieve, Bonell, Viner & Legood (2017) - Inglaterra -	transversal	regressão linear	as crianças que sofreram bullying ou que se comportaram agressivamente na escola tiveram menores índices de qualidade de vida relacionada à saúde em comparação com seus pares; A vitimação por bullying e a perpetração de comportamentos agressivos são preditores altamente significativos de baixos índices de HRQoL
Frisén & Bjarnelind (2009) - Suécia -	transversal	análise de regressão hierárquica	Adolescentes que relatam retrospectivamente ter sido vítimas de bullying sentem que suas atividades diárias e vida social são afetadas por dificuldades físicas e emocionais, maiores, do que aquelas que não estão ativamente envolvidas no bullying. Esses adolescentes também experimentam a dor corporal com mais frequência e experimentam mais dificuldades com sua saúde geral quando comparados àqueles que não estão ativamente envolvidos no bullying; Adolescentes que sofreram bullying relataram sentir menos energia e vitalidade; experimentaram limitações nas atividades físicas e classificaram seu bem-estar psicológico como pior do que aqueles que não estão ativamente envolvidos no bullying; Estudantes intimidados durante os últimos anos escolares experimentaram sua saúde geral e saúde mental como piores do que os estudantes que sofreram bullying durante os anos escolares anteriores;
Frison, Subrahmanyam & Eggermont (2016) - Bélgica -	longitudinal	MANOVA	relação recíproca entre satisfação com a vida e bem-estar, de tal forma que a vitimação entre pares no Facebook é um indicador significativo de menor satisfação com a vida, e baixa satisfação com a vida prevê positivamente ser vitimado no Facebook; a vitimação por pares no Facebook prevê a diminuição da satisfação com a vida dos adolescentes;
Gobina, Zaborskis, Pudule, Kalnins & Villerusa (2008) - Letônia e Lituânia -	transversal	regressão logística multinível	ter experiências com o bullying como vítima, está associado a uma maior probabilidade de relatar pior percepção de saúde, uma variedade de queixas de saúde e menor satisfação com a vida
Jernbro, Tindberg, Lucas & Janson (2014) - Suécia -	transversal	regressão linear	Ser mulher, ser parte de uma família com preocupações financeiras, ter uma condição crônica e estar exposto a maus-tratos prevê baixa qualidade de vida; A associação linear entre a qualidade de vida e o número de tipos de maus-tratos foi negativa, significando que a qualidade de vida diminui com o aumento do número de tipos de maus-tratos;
Kerr, Valois, Huebner & Drane (2010) - EUA -	transversal	análise correlacional	relações significativas entre satisfação de vida auto-relatada e várias formas de vitimação de pares (por exemplo, vitimação motivada por religião, gênero, raça / etnia, orientação sexual ou deficiência); as relações entre a satisfação com a vida e as diferentes formas de vitimação entre pares variam em função das origens de raça e gênero dos alunos

Vitimação e Bem-Estar na Infância e Adolescência: uma revisão sistemática da literatura

Låftman & Modin (2017) - Suécia -	transversal	análise regressão multinível	vitimação entre pares está ligada a níveis mais altos de problemas de internalização, bem como à baixa auto-estima e menor satisfação com a vida; a concentração a nível das turmas, da vitimação de pares, além da vitimização individual, está negativamente ligada ao bem-estar mental;
Martin & Huebner (2007) - EUA -	transversal	regressão múltipla hierárquica	experiências evidentes de vitimação estão correlacionadas com níveis reduzidos de satisfação com a vida, bem como níveis aumentados de afetos negativos; Experiências de vitimização relacional correlacionam-se significativamente com satisfação com a vida e afetos negativos;
Martin, Huebner & Valois (2008) - EUA -	longitudinal	Chi-square; Correlação de Pearson	Embora as experiências de vitimização explícitas não tenham predito Satisfação cm a vida, a equação para vitimação relacional e experiências pró-sociais aproximou-se da significância, sugerindo a possibilidade de efeitos bidirecionais entre SV e experiências relacionais e pró-sociais; os resultados indicam que baixa satisfação com a vida coloca os alunos em risco para experiências com os pares negativas.
Moore, Huebner & Hills (2012) - EUA -	transversal	Correlação de Pearson e Spearman	os resultados revelaram correlações negativas entre bullying, vitimação online e satisfação com a vida global e satisfação com a família, amigos, ambiente de vida, autoconceito e escola.
Navarro, Ruiz-Oliva, Larrañaga & Yubero (2015) - Espanha -	transversal	ANOVA	crianças não envolvidas no Bullying vivenciam significativamente mais otimismo, felicidade global e escolar, amigos e auto-satisfação do que vítimas apenas de cyber bullying, vítimas de apenas bullying social ou vítimas de ambos os tipos de bullying; as vítimas de cyber e bullying social relataram menos felicidade global do que os outros grupos; revelam que os tipos de bullying on-line e off-line estão associados ao bem-estar subjetivo mais pobre na forma de otimismo reduzido, felicidade e satisfação com a vida;
Patrick, Bell, Huang, Lazarakis & Edwards (2013) - EUA -	transversal	regressão multivariada	estudantes do sexo feminino tiveram menores índices de QV e uma proporção maior relatou humor deprimido ou consideração de suicídio em comparação com estudantes do sexo masculino. Entre os estudantes do sexo masculino que sofreram bullying , os índices de QV tenderam a diminuir e a proporção que relatou humor deprimido ou consideração de suicídio aumentou;
Sandhu, Kaur & Kaur (2015) - Índia -	transversal	Correlação de Pearson	quando os alunos enfrentam qualquer tipo de vitimização, o seu bem-estar é baixo; correlação positiva entre vitimação por bullying e problemas de internalização; Vitimação Física está negativamente correlacionada com o Bem-Estar; Vitimação Verbal também está correlacionada negativamente com o Bem-Estar

Vitimação e Bem-Estar na Infância e Adolescência: uma revisão sistemática da literatura

Smithyman, Fireman & Asher (2014) - EUA -	transversal	análise de variância multivariada	adolescentes que auto-relatam vitimação de pares atual também auto-relatam menor ajuste psicossocial atual do que participantes que não indicam vitimação de pares atual;
Sumter, Baumgartner, Valkenburg & Peter (2012) - Países Baixos -	sequencial	modelo de dupla trajetória	os adolescentes que reportam baixa trajetória de vitimação online relataram mais satisfação com a vida do que aqueles com trajetória moderada de vitimação on-line;
Tiliouine (2014) - Argélia -	transversal	análise de regressão	Verificou-se que a idade e o bullying passivo afetam negativamente a satisfação com a vida em níveis significativos, mas o gênero e o bullying ativo têm um efeito marginal; o bullying afeta negativamente a satisfação com a vida a um nível significativo, mas o bullying ativo não tem esse efeito;
Uusitalo-Malmivaara & Lehto (2016) - Finlândia -	transversal	one-way ANOVA	experiências de bullying estão significativamente associadas a uma diminuição da felicidade; As correlações entre medidas de felicidade global, felicidade relacionada à escola e depressão parecem mais fortes entre os poli-vitimados. Esse fenômeno pode indicar que, à medida que o bullying se torna mais intenso, todas as medidas são afetadas, incluindo a felicidade geral.
Valois, Kerr & Huebner (2014) - EUA -	transversal	análise de regressão	os resultados demonstraram vínculos estatisticamente significativos entre a satisfação com a vida e vários tipos de vitimação entre pares; alguns tipos de vitimação entre pares estão mais fortemente associados a menor satisfação de vida para alguns grupos de estudantes do que outros; Uma relação significativa foi observada entre níveis mais baixos de satisfação com a vida e evasão escolar;
Velderman, van Dorst, Wiefferink, Detmar, Paulussen & The KIDSCREEN group (2011) - Países Baixos -	transversal	Análise multivariada de variância	forte evidência da associação entre vitimização e QV na infância e adolescência; A vitimação foi consistentemente associada, negativamente, a todas as dimensões da QV.
Yucel & Yuan (2015) - Inglaterra -	transversal	regressão múltipla	os que sofrem menos vitimação por parte de irmãos têm maior satisfação com a vida; os que estão sujeitos a menor vitimação por parte dos amigos e aqueles que menosprezam seus amigos, têm maior satisfação com a vida; Adolescentes mais velhos e aqueles com pais mais velhos têm uma satisfação de vida significativamente menor;

Discussão de Resultados

Relação entre experiências de Vitimação e resultados de Bem-Estar

Tendo em conta a diversidade dos estudos revistos, esta revisão permitiu perceber que a investigação no campo infantojuvenil no que diz respeito à relação entre Vitimação e Bem-estar, tem vindo a receber mais atenção por parte dos investigadores, ainda que bastante mais reduzida relativamente a esta mesma temática com adultos. Este crescimento pode ser consequência da atual necessidade de perceber de forma mais holística o fenómeno da Vitimação no Bem-Estar.

De acordo com os resultados obtidos, é exposto de forma consensual o efeito negativo que as experiências de Vitimação têm no BE (subjetivo e psicológico). Relembrando que a ausência de psicopatologia não significa linearmente um desenvolvimento positivo, é importante que seja explorada empírica e cientificamente a dimensão do BE entre vítimas.

Em investigações futuras, seria importante e enriquecedor que fosse explorado o papel de outras variáveis na relação entre Vitimação e Saúde Mental/BE.

Estudos desenvolvidos

Com o objetivo de explicitar os aspetos teóricos e metodológicos dos estudos revistos, serão apresentados em dois domínios nesta discussão: 1) concetual (concetualização do fenómeno da violência e BE) e 2) metodológica (caraterísticas da amostra, medidas e *design* de pesquisa).

Os estudos revistos, apresentam uma concetualização restrita do fenómeno da violência no que diz respeito, especificamente, ao contexto. Tendo em conta que esta é um fenómeno multidimensional e que pode ocorrer em diferentes contextos, este tipo de restrição nos estudos torna difícil o conhecimento do seu real impacto no funcionamento individual das vítimas;

estando restritos a um contexto, exclui logo à partida a possibilidade de reconhecimento científico no que diz respeito à coocorrência de diferentes tipos de Vitimação ao longo da vida. Entre estes estudos, é de salientar os que abordam as experiências de Vitimação relacionadas com Bullying, tendo estes uma representação de 46%. Estes estudos tendem a ter em conta várias dimensões da violência (e.g., física, psicológica). No entanto todos os estudos incluídos, têm uma perspetiva abrangente acerca dos atos presentes na experiência de vitimação, com mais de dois atos de violência presentes, independentemente do contexto.

Relativamente à concetualização do Bem-Estar, apesar de quase com percentagens iguais, existem algumas divergências, com 21% dos estudos inconsistentes, relativamente à forma como os autores descrevem o argumento teórico que é a base da sua investigação e a forma como operacionalizam os constructos e medidas de BE. Relativamente à perspetiva concetual adotada, predomina a perspetiva Hedónica (71%), o que vai ao encontro da perspetiva adotada na apresentação do construto. O construto do Bem-estar beneficia de ser concebido como um fenómeno multidimensional que inclua aspetos presentes tanto no modelo de BES como no modelo de BEP, sendo benéfica a aplicação de medidas em ambos os sentidos de maneira a promover uma compreensão mais alargado deste construto (Ryan & Deci, 2011).

Metodologicamente, foram encontradas algumas limitações, mas também ponto fortes acerca das características da amostra, medidas e *design* dos estudos. Mais de metade (53%) destes estudos foi desenvolvida na Europa, seguido do contexto norte-americano (32%), o que torna impossível a generalização dos resultados para outros contextos. Como fatores fortes sobre a amostra, surgem: a integração, em todos os estudos, de amostras mistas (participantes do sexo feminino e masculino) o que vai de encontro ao facto de nenhum tipo de vitimação estar restrito a um só género, ainda que este possa em alguns contextos, ser um fator de risco; o tipo de amostras, sendo estas recolhidas na comunidade, o que permite uma mais acessível generalização dos resultados; o tamanho das amostras, atendendo que nesta revisão, quase 90%

dos estudos incluídos têm amostras com mais de 1000 participantes, o que permite uma análise mais completa e uma percepção mais real dos efeitos significativos.

Relativamente aos instrumentos usados para mensuração destas variáveis, os estudos revistos apoiaram-se maioritariamente em questões retiradas de investigações mais amplas, mensurando a Vitimação de forma única, colocando em causa a validade e fiabilidade destas medidas e dos resultados obtidos. No que diz respeito à apresentação de características psicométricas dos instrumentos utilizados, foi possível concluir que 46% dos estudos apresentam índices de validade e fiabilidade, mas também outros 46% não fazem referência a tais informações.

As escalas de medição do BE utilizadas na maioria dos estudos (64%) são multidimensionais, o que permite uma mensuração mais abrangente do contexto.

Finalmente, a maioria dos estudos (71%) dos estudos adota um *design* transversal, com uma minoria (7%) a adotar um *design* longitudinal. Esta opção de metodologia enfraquece a possibilidade de discutir relações de causalidade entre as variáveis e testar pressupostos teóricos acerca da influência/impacto de uma variável numa outra.

Referências

- *Alcantara, S. C., González-Carrasco, M., Montserrat, C., Viñas, F., Casas, F., & Abreu, D. P. (2016). Peer violence in the School Environment and Its Relationship with Subjective Well-Being and Perceived Social Support Among Children and Adolescents in Northeastern Brazil. *Journal of Happiness Studies*, 18 (5), 1507-1532. doi: 10.1007/s10902-016-9786-1.
- Alves, J. (2009). *Experiências Adversas na Infância e Comportamentos de Risco para a Saúde em Mulheres Reclusas*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).
- Assis, S. G., Avanci, J. Q., Pesce, R. P., & Ximenes, L. F. (2009). Situação de crianças e adolescentes brasileiros em relação à saúde mental e à violência. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(2), 349-361.
- Bonanno, G. A. (2004). Loss, trauma, and human resilience: Have we underestimated the human capacity to thrive after extremely aversive events? *American Psychology*, 59(1), 20-28.
- Bradburn, N. M. (1969). *The structure of psychological well-being*. Chicago: Aldine.
- *Bradshaw, J., Crous, G., Rees, G., & Turner, N. (2017). Comparing children's experiences of schools-based bullying across countries. *Children and Youth Services Review*, 80, 171 - 180. doi: 10.1016/j.childyouth.2017.06.060.
- *Callaghan, M., Kelly, C., & Molcho, M. (2015). Exploring traditional and cyberbullying among Irish adolescents. *International Journal of Public Health*, 60 (2), 199-206. doi: 10.1007/s00038-014-0638-7.
- Card, N., & Hodges, E. (2008). Peer victimization among schoolchildren: Correlations causes, consequences, and considerations in assessment and intervention. *School Psychology Quarterly*, 23, 451–461.

- Caridade, S., & Sani, A. I. (2016). Vitimação secundária. In R. Maia, L. Nunes, S. Caridade, A. Sani, R. Estrada, C. Nogueira, H. Fernandes & L. Afonso (Coord.), *Dicionário Crime, Justiça e Sociedade* (pp. 540). Lisboa: Sílabo.
- Carvalhosa, F. (2009). Prevention of bullying in schools: An ecological model. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 1, 129–134.
- *Chahine, E. F. (2014). Child Abuse and Its Relation to Quality of Life of Male and Female Children. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 159, 161-168. doi: 10.1016/j.sbspro.2014.12.350.
- *Chan, K. L., Chen, M., Chen, Q., & Ip, P. (2017). Can family structure and social support reduce the impact of child victimization on health-related quality of life?. *Child Abuse & Neglect*, 72, 66 -74. doi: 10.1016/j.chiabu.2017.07.014.
- *Chester, K. L., Spencer, N. L., Whiting, L., & Brooks, F. M. (2017). Association Between Experiencing Relational Bullying and Adolescent Health-Related Quality of Life. *Journal of School Health*, 87 (11), 865-872. doi: 10.1111/josh.12558.
- Diener, E., Suh, E., & Oishi, S. (1997). Recent findings on subjective well-being. *Indian Journal of Clinical Psychology*.
- Paludo, S. D. S., & Koller, S. H. (2007). Psicologia Positiva: uma nova abordagem para antigas questões. *Paidéia*, 17 (36).
- *Estévez, E., Murgui, S., & Musitu, G. (2009). Psychological adjustment in bullies and victims of school violence. *European Journal of Psychology of Education*, 24 (4), 473-483. doi: 10.1007/BF03178762.
- *Fantaguzzi, C., Allen, E., Miners, A., Christie, D., Opondo, C., Sadique, Z., Fletcher, A., Grieve, R., Bonell, C., Viner, R.M., & Legood R. (2017). Health-related quality of life associated with Bullying and aggression: a cross-sectional study in English secondary

- Schools. *The European Journal of Health Economics*, 19 (5), 641-651. doi: 10.1007/s10198-017-0908-4.
- Fernandes, H. M. G. (2007). O Bem-estar Psicológico em Adolescentes - Uma abordagem centrada no florescimento humano. (Dissertação de Doutorado)
- Fernandes, H., Vasconcelos-Raposo, J., & Brustad, R. (2012). Factors associated with positive mental health in a Portuguese community sample: A look through the lens of Ryff's Psychological Well-Being Model. *Essential Notes in Psychiatry*, 24, 495–514.
- *Frisén, A., & Bjarnelind, S. (2009). Health-related quality of life and bullying in adolescence. *Acta Paediatrica*, 99, 597-603. doi: 10.1111/j.1651-2227.2009.01664.x.
- *Frison, E., Subrahmanyam, K., & Eggermont, S. (2016). The Short-Term Longitudinal and Reciprocal Relations between Peer Victimization on Facebook and Adolescents' Well-Being. *Journal of Youth and Adolescence*, 45 (9), 1755-1771. doi: 10.1007/s10964-016-0436-z.
- *Gobina, I., Zaborskis, A., Pudule, I., Kalnins, I., & Villerusa, A. (2008). Bullying and subjective health among adolescents at schools in Latvia and Lithuania. *International journal of public health*. 53. 272- 276. doi: 10.1007/s00038-008-7041-1.
- *Guhn, M., Schonert-Reichl K. A., Gadermann, A. M., Hymel, S., & Hertzman, C. (2012). A Population Study of Victimization, Relationships, and Well-Being in Middle Childhood. *Journal of Happiness Studies*, 13 (4), 1529. doi: 10.1007/s10902-012-9393-8.
- Hanson, R., & Self-Brown, S. (2010). Screening and Assessment of Crime Victimization and its Effects. *Journal of Traumatic Stress* 23 (2), 207 – 214.
- Herman, J. L. (2001). Trauma and Recovery: From domestic abuse to political terror. Londres: Pandora.

- Huta, V. (2015). An overview of hedonic and eudaimonic well-being concepts. In L. Reinecke & M. B. Oliver (Eds.), *Handbook of media use and well-being*. Chapter 2. New York: Routledge.
- *Jernbro, C., Tindberg, Y., Lucas, S., & Janson, S. (2014). Quality of life among Swedish school children who experienced multitype child maltreatment. *Acta Paediatrica*, 104, pp. 320-325. doi: 10.1111/apa.12873.
- Karmen, A. (2012). *Crime victims: an introduction to vitimology* (8 Ed.). Wadsworth: Cengage Learning.
- *Kerr, J. C., Valois, R. F., Huebner, E. S., & Drane, J. W. (2010). Life Satisfaction and Peer Victimization Among USA Public High School Adolescents. *Child Indicators Research*, 4 (1), pp. 127-144. doi: 10.1007/s12187-010-9078-y.
- Keyes, C. L. M. (2006). Subjective well-being in mental health and human development research worldwide: An introduction. *Social Indicators Research*, 77, 1–10.
- *Låftman, S. B., & Modin, B. (2017). Peer Victimization among Classmates—Associations with Students' Internalizing Problems, Self-Esteem, and Life Satisfaction. *International Journal of Environmental Research And Public Health*, 14 (10), 1218. doi: 10.3390/ijerph14101218.
- Landoll, R. R., La Greca, A. M., Lai, B. S., Chan, S. F., & Herge, W. M. (2015). Cyber victimization by peers: Prospective associations with adolescent social anxiety and depressive symptoms. *Journal of Adolescence*, 42, 77–86.
- Lisboa, M.; Barroso, Z.; Patrício, J. & Leandro, A. (2009). *Violência e Género – Inquérito Nacional sobre a Violência Exercida contra Mulheres e Homens*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.

- Machado, C., & Gonçalves, R. A. (2002). Criminologia e vitimologia. In C. Machado e R. Gonçalves (coords.), *Violência e vítimas de crimes* (pp. 34-37). Coimbra: Quarteto Editora.
- *Martin, K. M., & Huebner, E. S. (2007). Peer victimization and prosocial experiences and emotional well-being of middle school students. *Psychology in the Schools*, 44(2), 199-208. doi: 10.1002/pits.20216.
- *Martin, K., Huebner, E. S., & Valois, R. F. (2008). Does life satisfaction predict victimization experiences in adolescence?. *Wiley Periodicals*, 45 (8), 705-713. doi: 10.1002/pits.20336.
- Martins, M. J. D. (2005). O problema da violência escolar: uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados 1. *Revista Portuguesa de Educação*, 18 (1), 93–115.
- Martins, M. J. D. (2007). Violência Interpessoal E Maus-Tratos Entre Pares em Contexto Escolar. *Revista Da Educação*, XV, 51–78.
- Martins, M. J. D. (2009). Agressão, Vitimação e Emoções na Adolescência em contexto escolar e e lazer. *Interacções*, (13), 187–207.
- Matos, M., Dias, A. R. C., Peixoto, J. (2013). Vitimação múltipla feminina ao longo da vida: uma revisão sistemática da literatura. *Psicologia & Sociedade*, 25 (3), 602 – 611.
- Meque, M. (2011). Agressão entre pares (*bullying*) e vitimação em contexto escolar. (Dissertação de Mestrado)
- *Moore, P. M., Huebne, E. S., & Hills, J. K. (2011). Electronic Bullying and Victimization and Life Satisfaction in Middle School Students. *Social Indicators Research*, 107 (3), pp. 429-447. doi: 10.1007/s11205-011-9856-z.
- *Navarro, R., Ruiz-Oliva, R., Larrañaga, E., & Yubero, S. (2015). The Impact of Cyberbullying and Social Bullying on Optimism, Global and School-Related Happiness and Life

- Satisfaction Among 10-12-year-old Schoolchildren. *Applied Research Quality Life*, 10 (1), pp. 15-36. doi: 10.1007/s11482-013-9292-0.
- Neto, A. A. N. (2005). Bullying – Comportamento Agressivo entre Estudantes. *Jornal de Pediatria*, 81(5), 164 -176.
- Orth, U. (2002). Secondary victimization of crime victims by criminal proceedings. *Social Justice Research*, 15(4), 313-325.
- *Patrick, D. L., Bell, J. F., Huang, J. Y., Lazarakis, N. C., & Edwards, T. C. (2013). Bullying and Quality of Life in Youths Perceived as Gay, Lesbian, or Bisexual in Washington State, 2010. *American Journal of Public Health*, 103 (7), 1255-1261. doi: 10.2105/AJPH.2012.301101.
- Pereira, B. (2002). Para uma Escola sem Violência - Estudo e Prevenção das Práticas Agressivas entre Crianças. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pereira, E. (2011). História de maltrato e indicadores de qualidade de vida: o que relatam os sujeitos identificados como maltratados na infância. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).
- Prinstein, M. J., Cheah, C. S. L., & Guyer, A. (2005). Peer Victimization, Cue Interpretation, and Internalizing Symptoms: Preliminary Concurrent and Longitudinal Findings for Children and Adolescents. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 34, 11–24.
- Puhl, R., King, K. (2013). Weight discrimination and bullying. *Best Practice and Research Clinical Endocrinology & Metabolism*, 27 (2), 117-127.
- Rigby, K. (1999). Peer victimisation at school and the health of secondary school students. *The British Journal of Educational Psychology*, 69, 95–104.
- Rocha, M. O., Costa, C. L., Neto, I. (2013). Bullying e o papel da sociedade. *Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais*, 1(16), 191-199.

- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2001). On Happiness and Human Potentials: A Review of Research on Hedonic and Eudaimonic Well-Being. *Annual Review of Psychology*, 52, 141-166.
- Ryff, C. D. (1989). Happiness is everything, or is it? Explorations on the meaning of psychological well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57, 1069–1081.
- *Sandhu, D., Kaur, M., & Kaur, K. (2015). Bully victimization and pupil well-being. *Indian Journal of Health & Wellbeing*, 6 (3), 260-266. retirado de: <http://www.ijhscholar.in/index.php/ijhw/article/view/88578>
- Sani, A. I. (2016). Vitimação vicariante. In R. Maia, L. Nunes, S. Caridade, A. Sani, R. Estrada, C. Nogueira, H. Fernandes e L. Afonso (Coord.), *Dicionário Crime, Justiça e Sociedade* (pp. 544-545). Lisboa: Sílabo.
- Saúde, A. C. (2011). *Bullying* e bem-estar psicológico em alunos dos 2o e 3o ciclos do ensino básico e secundário. (Dissertação de Mestrado).
- Seligman, M. E. P., & Csikszentmihalyi, M. (2000). Positive psychology: An introduction. *American Psychologist*, 55, 5–14.
- Sin, N. L., & Lyubomirsky, S. (2009). Enhancing Well-Being and Alleviating Depressive Symptoms with Positive Psychology Interventions: A Practice-Friendly Meta-Analysis. *Journal of Clinical Psychology*, 65, 467–487.
- Siqueira, M., & Padovan, V. (2008). Bases Teóricas de Bem-Estar Subjetivo, Bem-Estar Psicológico e Bem-Estar no Trabalho. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 24, 201–209.
- Slee, P. T., & Rigby, K. (1993). The relationship of Eysenck's personality factors and self-esteem to bully-victim behavior in Australian school-boys. *Personality and Individual Differences*, 371–373.

- *Smithyman, T. F., Fireman, G. D., & Asher, Y. (2014). Long-Term Psychosocial Consequences of Peer Victimization: From Elementary to High School. *School Psychology Quarterly*, 29 (1), 64-76. doi: 10.1037/spq0000053.
- Stapinski, L. A., Araya, R., Heron, J., Montgomery, A. A., & Stallard, P. (2015). Peer victimization during adolescence: concurrent and prospective impact on symptoms of depression and anxiety. *Anxiety, Stress and Coping*, 28, 105–120.
- Stoliker, B. E. (2016). Victimization, Stress, and Psychological Well-being: An Analysis of the 2009 Canadian Victimization Survey. (Dissertação de Mestrado)
- Storch, E. A., Masia-Warner, C., Crisp, H., & Klein, R. G. (2005). Peer victimization and social anxiety in adolescence: A prospective study. *Aggressive Behavior*, 31, 437–452.
- *Sumter, S. R., Baumgartner, S. E., Valkenburg, P. M., & Peter, J. (2012). Developmental Trajectories of Peer Victimization: Off-line and Online Experiences During Adolescence. *Journal of Adolescent Health*, 50, 607-613. doi: 10.1016/j.jadohealth.2011.10.251.
- *Tiliouine, H. (2014). School Bullying Victimization and Subjective Well-Being in Algeria. *Child Indicators Research*, 8 (1), pp. 133-150. doi: 10.1007/s12187-014-9286-y.
- *Uusitalo-Malmivaara, L., & Lehto, J. E. (2016) Happiness and depression in the traditionally bullied and cyberbullied 12-year-old. *Open Review of Educational Research*, 3 (1), 35-51. doi: 10.1080/23265507.2016.1155168.
- *Valois, R. F., Kerr, J. C., & Huebner, S. E. (2012). Peer Victimization and Perceived Life Satisfaction Among Early Adolescents in the United States. *American Journal of Health Education*, 43 (5), 258-268. doi: 10.1080/19325037.2012.10599244.
- *Velderman, M. K., van Dorst, A. G., Wiefferink, C. H., Detmar, S. B., Paulussen, T. G.W.M., & The KIDSCREEN group. (2008). Quality of Life of Victims Bullies, and

Bully/Victims Among School-Aged Children in the Netherlands. *Advances in School Mental Health Promotion*, 1 (4), 42-52. doi: 10.1080/1754730X.2008.9715738.

World Health Organization. Global consultation on violence and health. Violence: a public health priority. Geneva: WHO; 2002.

*Yucel, D., & Yuan, A. S. V. (2015.) Parents, Siblings, or Friends? Exploring Life Satisfaction among Early Adolescents. *Applied Research in Quality of Life*, 11 (4), pp. 1399-1423. doi: 10.1007/s11482-015-944

